

homens de letras, a imprensa impõe, agora, que escrevam menos colaborações assinadas sobre assuntos de interesse restrito do que o esforço para se colocarem em condições de redigir objetivamente reportagens, entrevistas, notícias. É a alteração a que se adapta flexivelmente, habilidosamente, Paulo Barreto, por exemplo. Em crônica na *Gazeta de Notícias*, de 1908, Olavo Bilac aludia ao desenvolvimento do esporte, entre nós, considerando o largo espaço que os jornais começam a dedicar-lhe e as quatro ou cinco revistas especializadas no gênero que circulam no Rio.

Paulo Barreto, que realiza, em 1905, o inquérito *O Momento Literário*, faz, agora, na *Gazeta de Notícias*, a seção "Cinematógrafo" e, depois, em uma revista, imitando Michel Georges Michel, o *Pall-Mall-Rio*; Figueiredo Pimentel torna prestigiosa a sua seção mundana, o "Binóculo", as letras aliam-se ao mundanismo: um livro típico da época é o *Five O'Clock*, de Elísio de Carvalho, lançado pelo Garnier, em 1909. Quando B. Lopes morre, em setembro de 1916, *O País* destaca, em seu necrológio: "O Brasil, país imenso e novo, precisa produzir e progredir. Cada cidadão, pois, deve organizar sua vida dentro de normas utilitárias e práticas. O poeta boêmio é, assim, um tipo que aqui não pode mais existir. O último deles foi decerto esse pobre B. Lopes, ontem colhido pela morte". Necrológio quase cruel, como se o poeta tivesse, na verdade, morrido há muitos anos. As colaborações literárias, aliás, começam a ser separadas, na paginação dos jornais: constituem matéria à parte, pois o jornal não pretende mais ser, todo ele, literário. Aparecem seções de crítica em rodapé, e o esboço do que, mais tarde, serão os famigerados suplementos literários. Divisão de matéria, sem dúvida, mas intimamente ligada à tardia divisão do trabalho, que começa a impor as suas inexoráveis normas.

É um pouco dessa transformação que decorre a proliferação das revistas ilustradas que ocorre a partir daí. Nelas é que se irão refugiar os homens de letras, acentuando a tendência do jornal para caracterizar-se definitivamente como imprensa; as revistas passarão, pelo menos nessa fase, por um período em que são principalmente literárias, embora também um pouco mundanas e, algumas, críticas. O desenvolvimento das artes gráficas permite, agora, essa repartição. A *Revista da Semana*, fundada por Álvaro de Tefé, começou a circular a 20 de maio de 1901, com a ajuda de Medeiros e Albuquerque e Raul Pederneiras; passou logo à propriedade do *Jornal do Brasil*, que a vendeu, em 1915, a Carlos Malheiros Dias, Aureliano Machado e Artur Brandão. Em 1901, aparecia também, mas em Paris, a *Ilustração Brasileira*, no modelo de *L'Illustration Française*, morrendo em 1902, para ressurgir, agora no Rio, em janeiro de 1909, circulando quinzenalmente, com a colaboração de Olavo Bilac, Eduardo Salamonde, Paulo